

Estudantes em greve na Unicamp são agredidos de madrugada

Reitoria informou que repudia invasão e intimidação por “estranhos à universidade”

Por Moara Semeghini

Por volta das 2h da madrugada desta quarta-feira (27), estudantes em greve da Universidade Estadual de Campinas que dormiam em um acampamento montado em frente ao Ciclo Básico 2, no campus de Barão Geraldo, relataram que foram alvo de ameaças, ofensas e intimidação por um grupo que, segundo os próprios alunos, é ligado ao Movimento Brasil Livre (MBL). O caso terminou em boletim de ocorrência registrado na Polícia Civil e motivou uma nota oficial de repúdio da reitoria da universidade.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP), quatro estudantes e um segurança patrimonial da universidade registraram boletim de ocorrência por ameaça e injúria contra cinco homens. Segundo o relato feito à polícia, os estudantes — que estão acampados de forma pacífica desde o início da greve

foram ameaçados e tiveram barracas derrubadas durante a ação. A Polícia Militar foi acionada para conter a confusão, e o caso foi encaminhado ao 7º Distrito Policial de Barão Geraldo.

Vídeos divulgados pelo Centro Acadêmico do Instituto de Artes (Caia) mostram parte da confusão registrada durante a madrugada. Em nota publicada nas redes sociais, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) afirmou que estudantes responsáveis pela segurança do acampamento chegaram a ser agredidos fisicamente durante a ação.

Um dos estudantes que registrou boletim de ocorrência afirmou que o grupo chegou ao local enquanto os alunos dormiam após mais um dia de mobilização da greve. “Às 2h da manhã, fomos surpreendidos pelo grupo do MBL que, mais uma vez, atacou o acampamento do IA, organizado pacificamente”, disse.

Segundo o estudante, esta não



Agredores derrubaram barracas, acordaram e xingaram os estudantes que dormiam

teria sido a primeira situação de intimidação registrada nas últimas semanas dentro da universidade. Ele afirmou que episódios semelhantes já haviam ocorrido anteriormente em outros institutos da Unicamp. “Partiram para cima de algumas companheiras, sobretudo. Foram palavras muito ofensivas contra os estudantes, chamando nós de vagabundos”, declarou. O aluno também cobrou medidas mais efetivas de segurança dentro do campus e disse que os estudantes não pretendem interromper a mobilização da greve diante das intimidações.

Nas redes sociais, estudantes do Instituto de Artes classificaram o episódio como um “ataque ao acampamento pacífico organizado em defesa das pautas da greve” e afirmaram que receberam apoio do Serviço de Vigilância do Campus (SVC) durante o deslocamento até a delegacia para o registro da ocorrência.

“A gente está cansado de ser

surpreendido e atacado cotidianamente. É inadmissível a sequência de ataques violentos que vêm ocorrendo dentro da nossa universidade”, diz trecho da publicação compartilhada pelos estudantes após o episódio.

Em nota oficial divulgada nesta quarta-feira, a reitoria da Unicamp manifestou “repúdio à invasão e aos atos de intimidação protagonizados por pessoas estranhas à comunidade universitária” no acampamento localizado no Ciclo Básico.

A universidade afirmou que episódios de invasão, filmagens não autorizadas e atos que coloquem em risco a integridade física de estudantes, docentes e funcionários são “intoleráveis” e representam “uma afronta à autonomia universitária, à convivência democrática e ao livre exercício do debate acadêmico”.

A administração da universidade informou ainda que está adotando medidas administrati-

vas e jurídicas para identificar os envolvidos e responsabilizá-los pelos atos. A reitoria também declarou solidariedade aos estudantes que relataram insegurança após o episódio e afirmou que irá reforçar as providências para garantir a tranquilidade dentro do campus. Esta é a segunda vez em cerca de três meses que estudantes da Unicamp denunciaram episódios de intimidação relacionados a mobilizações políticas dentro da universidade.

A greve estudantil na Unicamp ocorre em meio a reivindicações ligadas à permanência estudantil, melhorias na estrutura da universidade e questões relacionadas à moradia. O acampamento em frente ao Ciclo Básico 2 foi montado como uma das formas de mobilização dos alunos durante o movimento.

Reconhecida nacionalmente pelo alto nível acadêmico, a Unicamp possui um dos vestibulares mais concorridos do país.

Famílias têm atendimento especializado para doença ultrarrara graças à telessaúde

Living Lab SAS Brasil/Divulgação

Por Moara Semeghini

Pacientes com doenças raras e famílias que vivem longe dos grandes centros têm encontrado na telemedicina uma alternativa para acessar atendimento especializado. Em Campinas, um projeto desenvolvido por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas em parceria com o Living Lab SAS Brasil & Unicamp utiliza plataformas digitais para acompanhar casos complexos de síndromes genéticas raras em diferentes regiões do país.

A iniciativa atua no manejo clínico de pacientes com condições ultrarraras, como a Síndrome de Skraban-Deardorff, causada por uma mutação genética considerada extremamente incomum. Estimase que existam cerca de 150 casos

diagnosticados no mundo, sendo 21 deles no Brasil. Segundo os pesquisadores, um dos principais desafios não está mais apenas no diagnóstico, mas no acompanhamento após a descoberta da doença. Embora os exames genéticos tenham avançado nos últimos anos, ainda há escassez de médicos especializados para interpretar os resultados e orientar tratamentos individualizados. “O paciente recebe o laudo, mas muitas vezes não encontra acompanhamento adequado”, afirma a médica geneticista Vera Lúcia Gil da Silva Lopes, docente da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e uma das pesquisadoras envolvidas no projeto.

Pacientes com a síndrome podem apresentar atrasos no desenvolvimento neurológico, dificuldades motoras e comprometimento



Atendimento sem sair de casa graças à telessaúde da Unicamp

da fala, exigindo acompanhamento multidisciplinar contínuo.

Para reduzir as barreiras geográficas, o projeto utiliza a plataforma SIAS (Sistema de Informações em Atenção à Saúde), desenvolvida

pela SAS Brasil. O sistema permite monitoramento remoto e consultas especializadas, conectando famílias e profissionais de saúde sem a necessidade de deslocamentos frequentes.

A estratégia busca atender principalmente famílias que vivem fora dos grandes centros urbanos, onde o acesso a geneticistas e equipes especializadas ainda é limitado. Apesar da ampliação de centros de referência para doenças raras no Brasil desde 2014, pesquisadores afirmam que o sistema público ainda enfrenta dificuldades para ampliar o acesso à genômica clínica. O gargalo, segundo especialistas, deixou de ser apenas a realização dos exames e passou a envolver a análise dos dados genéticos e a definição de condutas médicas adequadas para cada paciente. O projeto também pretende criar modelos de atendimento que possam ser replicados em outras regiões do país, usando a saúde digital para ampliar o acesso de pacientes raros a acompanhamento especializado.